

Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze

(araucária, curi, pinheiro araucária, pinheiro do paraná)

Família: Araucariaceae

Sinônimos: *Araucaria brasiliana*, *Araucaria brasiliensis*

Endêmica: não⁵

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica (Campo de Altitude, Floresta Ombrófila Mista)⁵

Status de conservação: CR - Criticamente em perigo (UICN)

Recomendação de uso: Restauração, Silvicultura

Esta espécie de exuberante beleza e de aspecto original, contrasta com as demais árvores do sul do Brasil, onde ocupa as regiões de altitude. As árvores são de sexo separado e as flores femininas formam a chamada pinha. Seu fruto, o pinhão, é comestível e muito apreciado no sul do país, além de ser avidamente consumido por várias espécies de fauna. Seu tronco reto, colunar e quase cilíndrico, fornece madeira de alta qualidade.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (brinquedos, cabo de vassoura, caixotaria, instrumento musical, lápis, palitos de fósforo, celulose e papel, forro e teto, ripas, carpintaria e marcenaria, móveis), produtos não madeireiros (alimentação humana, recurso para fauna, ornamental)^{6,4,1,2}

Características gerais

Porte: altura 10.0-50.0m DAP 50-180cm^{1,6,4}

Cor da floração: -

Velocidade de desenvolvimento: -

Persistência foliar: Perenifolia^{6,4,1}

Sistema radicular: Pivotante^{1,3}

Formato da copa: Corimbiforme^{2,1}

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto¹

Superfície do tronco: Áspera¹

Tipo de fruto: -

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim¹

Pragas e doenças: Pragas: lagartas que danificam as sementes, botões apicais e os ramos, onde abrem sua galerias; "lagarta da araucária" que destroem acículas; *Elasmopalpus lignosellus* (danos em plantas jovens, caracterizados por lesões na região do colo da planta, podendo causar sua morte) e *Fulgoroidea sartinaria*. Doenças: Há a presença de fungos que podem atacar a araucária, entre eles: *Armillaria mellea* "amillariose", *Cylindrocladium* sp., *Diplodia pinea*, *Rosellinia bunodes* "roseliniose".^{4,1}

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas⁴

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Secundária tardia^{1,9,6}

Polinizadores: -

Período de floração: agosto a janeiro^{6,1,4}

Amentilho (masculino): agosto a janeiro e o estróbilo (feminino): floresce o ano todo (CARVALHO, 1994); floresce de setembro a outubro (LORENZI, 2002).

Tipo de dispersão: Autocórica, Zoocórica^{1,9,3}

Agentes dispersores: Aves e roedores. Entre as aves, está a gralha azul (*Cyanocorax caeruleus*), a gralha picaça ou gralha amarela que escondem o pinhão no chão para buscar mais tarde, exercendo a função de dispersores. Há também alguns pequenos roedores como camundongos, pacas, cutias, ouriços e esquilos.^{1,3,4}

Período de frutificação: abril a julho^{1,6}

Abril a julho (CARVALHO, 1994); abril a maio (LORENZI, 2002).

Associação simbiótica com raízes: sim¹

Apresenta micorriza versicular-arbuscular (MVA).

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo^{4,1}

Os pinhões são obtidos de duas maneiras: a) as pinhas “desfalham” quando maduras e os pinhões são catados no chão. Este método deve ser evitado, pois tão logo as sementes atingem o solo, ocorre intenso ataque de roedores e insetos; b) as pinhas são derrubadas na árvore e os pinhões são extraídos manualmente da pinha. É aconselhável, ao serem colhidas as pinhas, a eliminação de sementes pequenas localizadas nas extremidades das pinhas.

Tipo de semente: Recalcitrante^{7,1}

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Imersão em água^{7,1,8}

Não há necessidade de quebrar a dormência. Porém, é prática usual deixar os pinhões em imersão em água à temperatura ambiente por 24 ou 48 horas para embebição e semear somente os pinhões que afundam, rejeitando os que flutuam.

Produção de mudas: Recipientes individuais^{3,6}

No viveiro, as sementes foram plantadas com o pinhão ao nível do solo (KUNIYOSHI, 1983).

Tempo de germinação: 18 a 110 dias^{1,3}

Taxa de germinação: 45 a 90%¹

Número de sementes por peso: 132/kg^{3,1}

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra^{4,1}

No período juvenil, a planta tolera sombra. Quando está na fase adulta, a planta é heliófila.

Dados madeireiros

Densidade: 610.0kg/m³^{6,10,4}

Possui curva de incremento médio anual (IMA): sim^{6,10,4}

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): sim^{6,10,4}

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira. Colombo: EMBRAPA – CNPF; Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994. 640 p.

² GARCIA, R. J. F. Araucariaceae In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: HUCITEC, 2002. v. 2, p. 1 - 2.

³ KUNIYOSHI, Y. S. Morfologia da semente e da germinação de 25 espécies arbóreas de uma floresta com araucária. 1983. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1983.

⁴ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

⁵ SOUZA, V. C.; BORTOLUZZI, R. L. C. Cassia. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em 26 abr. 2013.

⁶ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁷ MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).

⁸ MEDEIROS, A. C. de S. Aspectos de dormência em sementes de espécies arbóreas. Colombo, PR: Embrapa, 2001. 12 p. (Circular Técnica, 55).

⁹ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

¹⁰ PAULA, E. J.; ALVES, J. L. H. 992 Madeiras nativas do Brasil: anatomia-dendrologia-produção-uso. Porto Alegre: Cinco Continentes, 2010, 461p.